

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COLETIVA AMAZÔNIDA COLONIALISMO E AMAZÔNIA

Keitte Helen de Lima Peixoto

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH/UEA Matrícula 2494930006, Cientista Social (UFAM), Especialização (Sociologia e Antropologia) DEPPA – IFAM; e Bacharel em Direito (ULBRA). Email: keittelimma@gmail.com e khdlp.mic24@uea.edu.br

Pedro Henrique Coelho Rapozo

Professor Dr. Universidade do Estado do Amazonas/UEA e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH/UEA. Coordenador do Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia – NESAM. Doutor em Sociologia – Desenvolvimento e Políticas Sociais pela Universidade do Minho/UM. Email: phrapozo@uea.edu.br

Resumo: Este é um ensaio crítico científico a partir do conteúdo explanado pelos professores, leitura de textos, debates e visita técnica à comunidade descendente de escravos, quilombo de São Benedito em Manaus, o qual decorre da disciplina cultura, identidade e movimentos sociais do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH/UEA. Apresentamos essa reflexão sobre o segundo quilombo urbano do Brasil e patrimônio cultural imaterial do Estado do Amazonas. Além disso, atualmente em 2024 o quilombo do barranco de São Benedito é hoje ponto de cultura. O foco da análise recai sobre os aspectos culturais no âmbito pensamento quilombola, conhecimento local, e no contexto das narrativas produzidas pelos próprios quilombolas, de um panorama da abordagem dos aspectos bibliográficos apresentados, vide as questões socioeconômicas e culturais em disputa e correlacionadas, e como forma de expressão da cultura popular, onde a sociabilidade concretiza-se culturalmente em um elo importante no fortalecimento e manutenção do patrimônio cultural popular amazônida.

Palavras-chave: Construção identitária; Quilombo; História.

Abstract: This is a critical, scientific essay based on the content explained by the professors, text readings, discussions, and a technical visit to the slave-descendant community of São Benedito Quilombo in Manaus. This is part of the Culture, Identity, and Social Movements course of the Interdisciplinary Graduate Program in Human Sciences (PPGICH/UEA). We present this reflection on Brazil's

second urban quilombo and the intangible cultural heritage of the state of Amazonas. Furthermore, in 2024, the Barranco de São Benedito Quilombo is now a cultural center. The focus of the analysis falls on the cultural aspects within the scope of quilombola thought, local knowledge, and in the context of the narratives produced by the quilombolas themselves, from an overview of the approach to the bibliographical aspects presented, see the socioeconomic and cultural issues in dispute and correlated, and as a form of expression of popular culture, where sociability is culturally concretized in an important link in the strengthening and maintenance of the Amazonian popular cultural heritage.

Keywords: Identity construction; Quilombo; History.

INTRODUÇÃO

No caminho das origens do quilombo, Kabengele Munanga discorre, quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo) e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu, cujos membros foram escravizados. Bantu, que hoje designa uma área geográfica contígua e um complexo cultural específico dentro da África negra, é uma palavra herdada dos estudos linguísticos ocidentais. A história do quilombo envolveu povos de regiões diferentes entre Zaire e Angola [possuindo] na tradição oral - com lacunas e imprecisões - até hoje uma das grandes fontes de informação (1996, p. 58).

Binyavanga Wainain¹ é um escritor queniano, fundador da revista literária Kwani? (que significa ‘o que se passa?’) e foi considerado uma das 100 pessoas mais influentes em 2014 pela Revista Time, foi uma voz ativa na defesa dos direitos gays, e também contra as representações estereotipadas de África e dos africanos, onde elaborou um texto sobre o tema em 2005.

No texto “Como escrever sobre África²”, Wainaina, utiliza vários tópicos da imagem deformada da África, os estereótipos que foram criados e continuamente reproduzidos e que oferecem à mídia, à literatura e ao cinema, a ideia, histórica única de África.

[...] Use sempre a palavra “África”, ou “Escuridão”, ou “Safari” no título. Os subtítulos podem incluir palavras como “Zanzibar”, “massai”, “zulu”, “Zambeze”, “Congo”, “Nilo”, “grande”, “céu”, “sombra”,

1 <https://proximofuturo.gulbenkian.pt/blog/como-escrever-sobre-africa-de-binyavanga-wainaina>

2 <https://proximofuturo.gulbenkian.pt/blog/como-escrever-sobre-africa-de-binyavanga-wainaina>

“tambor”, “sol” ou “coisas do passado”. Use também palavras como “guerrilha”, “intemporal”, “primordial” e “tribal”. Note que a palavra “povo” refere aos africanos que não são negros, embora os africanos negros sejam designados por “o povo”. As personagens devem ser coloridas, exóticas, maiores do que a vida – mas vazias por dentro, sem diálogos; Personagens africanos podem incluir guerreiros nus, servos leais, adivinhos e videntes, sábios antigos vivendo em esplendor herético. ou políticos corruptos, ineptos guias de viagem polígamos e prostitutas com quem você dormiu; estabeleça desde o início que o seu liberalismo é impecável, o quanto você ama a África, como se apaixonou pelo lugar e não pode viver sem ela. A África é digna de pena, adorada ou dominada. Seja qual for o ângulo que você tomar, não se esqueça de deixar a forte impressão de que sem a sua intervenção e seu livro importante, a África está condenada. Os leitores vão ficar desapontados se você não mencionar a luz de África. E o pôr-do-sol: o crepúsculo em África é indispensável, sempre grandioso e vermelho; e termine o texto com Nelson Mandela dizendo algo sobre arco-íris ou renascimento. [...]

Pontualmente, apresento o perigo de uma história única, de Chimamanda Ngozie Adichie, que trata sobre o que sabemos sobre outras pessoas? O que sabemos sobre nós mesmos? Como a sociedade molda a imagem de cada pessoa e a nossa? Nosso conhecimento sobre o mundo é formado pelas histórias que ouvimos, pelos livros que lemos e filmes que assistimos, pelos hábitos que temos e quanto maior o número de narrativas diferentes, mais completa se torna a nossa compreensão.

Adichie [...] eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia despertaram minha imaginação e abriram mundos novos para mim, mas tudo mudou quando descobri os livros africanos e minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia, o que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única (2009, p.8).

Além disso, as histórias importam, muitas histórias importam [o protagonismo de quem fala importa]. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despe-

daçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (2009, p.16).

Por fim, como elaborou Emérito Professor Ernesto Renan Freitas Pinto da Universidade Federal do Amazonas, sobre a criação das ideias, também queremos enfatizar a importância de uma compreensão mais satisfatória das formas como as Amazônias foram e ainda são criadas, e o próprio Brasil têm sido percebidos e interpretados, [descritos] tendo como ponto de partida [concepções de] ideias, conceitos e preconceitos que sustentam e moldam nossos parâmetros civilizatórios até os dias atuais.

Este é um ensaio desenvolvido sob uma ótica da experimentação da pesquisadora, e se abstém flexivelmente de prever resultados, a fim de melhor adaptação à realidade apresentada pelos participantes, sem pré-julgamentos, conforme a bagagem dos ensinamentos incluídas nas diversas disciplinas do programa turma 2024/1, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Mestrado Acadêmico em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, que antecederam a finalização deste ensaio, disciplinas que conduziram a amplificação deste fazer científico personalizado a retratar um grupo, uma organização tal qual ele se apresenta, evitando pré concepções, classificações e julgamentos, mas, prevê um encontro interdisciplinar das estruturas de poderes simbólicos entre as categorias apresentadas.

Pretende-se ainda, com este ensaio, assim como, Nemer (2021) pretendemos não só apresentar a obtenção do conhecimento da organização quilombola, do quilombo de São Benedito em Manaus, mas apresentar e transmitir as vozes que ouvimos e o que observamos nelas, pois como pesquisadores e cientistas sociais, não é algo fácil e simples de se realizar e praticar (pesquisa crítica e decolonial) nossa obrigação é [transmitir] às comunidades diversas respeitando suas histórias, valores e culturas, visto que as representações pessoais interferem como as pessoas são representadas e estereotipadas, que reforçam as desigualdades estruturais (NEMER, 2021, p. 59).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Colonialismo e Amazônia

Praesent vitae massa eget est sagittis tincidunt vitae mattis est. Mauris Primamente o que é colonialismo? o mundo colonizado para alguns autores, é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e

pelos postos policiais. Nas colônias, o interlocutor legítimo e o institucional do colonizado, o porta voz do colono e o do regime de opressão, policial ou soldado. E para Faustino e Deivison, não há capitalismo sem colonialismo e, por sua vez, não há colonialismo sem racismo, e ambos estão interligados dialeticamente por uma relação de determinações reflexivas (FAUSTINO, DEIVISON, *apud* FANON, 2023, p. 51-52).

Todavia, para Nandy o colonialismo é uma cultura compartilhada entre colonizador e colonizado, o que significa a existência de uma comunidade psicológica entre opressor e oprimido resultado de uma racionalidade que os torna ambos covítimas, ou seja, ele não faz a separação como Fanon, no sistema organizado de opressão da modernidade não é o opressor que representa a posição contrária à do oprimido, mas ambos estão igualmente subjugados pela lógica da dominação (NANDY, 2015, p. 15 e 18).

O autor, em a imaginação emancipatória, compreende a colonização como um processo de conquista além dos territórios, modo de produção e mentes, separar o oprimido a tão somente o que opressor fez e faz dele seria uma perspectiva simplificadora, anulando identificações, subjetividades criadas, bem como afiliações culturais anteriores do processo de colonização, uma reflexão além da dualidade, mas uma reforma da mente dos nativos.

Se é verdade que ainda seguimos o antigo capitalismo, sistema que como prática econômica ignora os limites físicos do planeta, desconsidera as experiências diversas, valores e atividades dos quilombolas e povos indígenas, subestima o uso do tempo da reprodução vida social, reafirma a independência dos indivíduos em relação aos outros e à natureza, também é verdade que as formas de exploração dos recursos naturais e da vida são sempre renovados com objetivo de gerar crises e acumulação infinita.

Como pontua Smith, embora a linguagem do imperialismo e do colonialismo tenha se modificado, os locais de luta se mantêm. O embate pela validade dos conhecimentos indígenas e [quilombola/afrodescendente] talvez não se refira ao reconhecimento de que os povos indígenas [e quilombolas] tenham maneiras específicas de ver o mundo que são únicas (SMITH, 2018, p. 124).

E Krenak (2020), capitalismo oferece a ideia de que podemos reproduzir a vida e natureza. A gente acaba com tudo e depois faz outro, a gente acaba com a água doce e depois ganha um dinheirão dessalinizando o mar, e, se não for suficiente para todo mundo, a gente elimina uma parte da humanidade e deixa só quem pode consumir (2020, p. 38).

Contudo, na Amazônia há coletivos políticos que abarcam cosmovisões guiadas pelo equilíbrio entre trabalhadores e suas comunidades com a natureza, que

priorizam ciclos dialógicos e sustentáveis, em um super trabalho do movimento negro e articulação, em 2025, conquistaram uma vitória de articulação em Bonn, na Alemanha, a população afrodescendente foi mencionada pela primeira vez em um rascunho de texto da convenção do clima das Nações Unidas³, as reuniões climáticas de junho são consideradas um termômetro para a COP30 (conferência do clima a ser realizada em Belém do Pará, Brasil), e reconheceram o grupo em 2 dos 3 documentos apresentados.

Os países concordaram em incluir pessoas de descendência africana no texto sobre transição justa. Além dos afrodescendentes, o documento cita a importância da participação de outros grupos vulneráveis, como povos indígenas e trabalhadores informais. Como pontuado no texto⁴, “No sistema da convecção do clima da ONU, nunca existiu um documento com a menção a afrodescendentes”, afirmou Mariana Belmont, assessora de clima e racismo ambiental do Geledés – Instituto da mulher negra, que fez o levantamento sobre a citação nos documentos.

Uma vez que, periferias cada vez mais empobrecidas se tornam mais vulneráveis pela negligência pública em termos de infraestrutura e de planejamento urbano, o que assegura que os mais pobres economicamente se tornem também mais pobres ecologicamente. ⁵Sendo a população afrodescendente uma das mais afetadas pelos eventos extremos, são os primeiros a sofrerem diretamente os impactos das mudanças climáticas.

Selecionada como cidade-sede da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-30), Belém do Pará, a cidade enfrenta desde do início de 2025 questões de perpetuação modelos antigos, como a especulação imobiliária, violações do direito à moradia, mudanças arbitrárias no plano diretor, denúncias de trabalhadores submetidos a condições insalubres nos canteiros de obras foram problemas encontrados nas áreas em torno dos projetos aplicados na cidade, como reforma da Feira do Ver-o-Peso, questões de racismo ambiental, desafios do passado, do presente e do futuro.

Desde do ano anterior o governo do Pará está fazendo propaganda na televisão pra população alugar seu imóvel, qual a conscientização elaborada para isso? Foi criada uma plataforma pra isso? A população vislumbrando uma oportunidade de fazer dinheiro perde o bom senso aplicando preços exorbitantes, a COP-30 vem sendo vendida como negócio há pelo menos uns 2 anos, isso incentivado pelo go-

3 Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/06/pre-cop30-termina-com-mencao-inedita-a-afrocendentes.shtml>, acesso em 23/07/2025.

4 Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/06/pre-cop30-termina-com-mencao-inedita-a-afrocendentes.shtml>, acesso em 23/07/2025.

5 Mike Davis, planeta favela – São Paulo: Boi tempo, 2006.

verno, muitos não quererem saber de metas do clima, querem saber como vão tirar um trocado ou se vai chegar alguma obra pelas bandas onde moram, e é isso. Ou seja, o que a população quer são aplicações concretas, eficazes e urgentes de dignidade de vida, é um consenso uma sociedade com mais estrutura é uma sociedade melhor. Só que não há como debater mudanças climáticas sem debater projetos políticos.

O racismo ambiental contribui para que grupos racializados e marginalizados paguem um preço maior na forma de impactos destrutivos comparado a quem está mais bem posicionado nas estruturas e em especial em relação aos grandes responsáveis, que muitas vezes atuam deliberadamente para transferir os custos e os impactos ⁶(2020, p.80).

A participação das comunidades quilombolas, afrodescendentes, indígenas e demais, esta estritamente ligada a exigência de uma democracia saudável, onde o exercício dos direitos civis, cívico e políticos devem ser assegurados e aplicados e sendo assim um desenvolvimento sustentável incluyente. Dessa forma, a luta política por terra, reforma agrária e questões ambientais são parte intrínseca do sistema econômico. E, portanto, só poderão ser resolvidas em um modelo de sociedade diferente do atual.

2. Quilombo Amazônica e o Bem Viver

Neste primeiro momento apresento, Beatriz Nascimento⁷ e a importância do quilombamento como luta ideológica e de humanidade. Em entrevista a historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos, a qual foi gravada após a Marcha do Movimento Negro em 1988, relata que começou a pesquisar quilombo dos palmares (Zumbi) aos 17 anos, com audaciosas ideias se projeta como uma mulher negra sujeito do conhecimento sobre o seu povo, ela começa discorrer o que lhe chamou atenção em sua pesquisa foi os inúmeros mecanismos que palmares (Zumbi) apresenta, como a fuga, a separação dentro do próprio território.

Inicia discorrendo que o quilombo de Zumbi só é possível, porque todos são todos, todos são um, e quando deixa de ser um se estabelece da seguinte maneira, quem vai representar todos será o mais forte, o mais capaz e o de maior saber, e não por que tomou o poder, ou o lugar determinado foi estabelecido não por sua

⁶ Sabrina Fernandes, *se quiser mudar o mundo; um guia político para quem se importa* - São Paulo: Planeta, 2020.

⁷ Disponível em: (355) CULTNE - Beatriz Nascimento - Entrevista exclusiva - YouTube, acesso em 25/07/2025

origem, mas um lugar estabelecido que você conquista no processo da fuga dentro do próprio território.

Além disso, ainda faz um contraponto da concepção de mulher guerreira, do seu agir ser diferente do conceito de guerreiro combatente e lutador do ocidente, pois pra ela a guerra está existindo, mas as mulheres estão cuidando dos filhos, das plantações, ou seja, esta concepção de guerra, das mulheres, é parecida com a concepção de guerra dos quilombos, a tática para criticar a sociedade posta é você agir de forma que a sociedade não lhe impeça de agir, pois é mais sábio que a sociedade entrave, que [colabora para que] haja derrota e que dificulte que comunidade surja, ou que um passe na frente e se organize como eles [na base da competitividade], como o ocidente se organiza, isto é, a utilização do termo “quilombo” passa a ter sentido, conotação ideológica e doutrinária de sentido de comunidade, agregação e luta por reconhecimento de mulheres, homens e pessoas que lutam por dignidade e melhores condições de vida, a historiadora finaliza com a frase “antes que todos passem, eu não quero passar”.

Apresentamos a visita técnica à comunidade descendente de escravos, apresentando a essa fundamentação, o quilombo de São Benedito em Manaus-Amazonas, o segundo quilombo urbano do Brasil e patrimônio cultural imaterial do Estado do Amazonas. Além disso, atualmente em 2024, o quilombo do barranco de São Benedito é atualmente ponto de cultura.

Figura: 01 banner do quilombo



Figura 02: roda de conversa com Jamilly Souza



Fonte: Imagens produzidas em 19 de outubro de 2024 (arquivo pessoal).

Assim, em segundo momento trata-se de discorrer; a visita técnica ao quilombo de São Benedito em Manaus, a Roda de conversa contou com a participação dos discentes do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas Mestrado Acadêmico em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA), e de Jamily Souza, quilombola, e vice-presidente da Associação das Crioulas do Quilombo de São Benedito.

Dentre os assuntos abordados durante bate-papo, Jamily falou sobre história e questões voltadas ao Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito, símbolo de resistência de moradores descendentes de maranhenses, que ganhou reconhecimento há pelo menos 7 anos, Jamily organizou material e redigiu toda a documentação solicitada para a certificação da comunidade como Quilombo, junto à Fundação Cultural Palmares, em 2014.

Entretanto, a certificação foi ainda o ponto de partida para a criação da Associação das Crioulas do Quilombo de São Benedito, a qual abriu espaço para as mulheres da comunidade produzirem artesanato com as bonecas crioulas, assim como diversos trabalhos sociais, como rodas de conversa, palestras, eventos culturais e tudo que contribua para o fortalecimento na cultura negra na região norte, perpetuando desse modo tradições.

Figura: 03 bonecas crioulas



Figura: 04 altar de São Benedito



Fonte: Imagem extraída site infoamazonia.org Fonte: Imagens produzidas em 19/10/2024 (arquivo pessoal).

Prosseguimos, a fim de atenção especial ao festejo de São Benedito, Jamily não deixou de falar sobre a tradicional festa do santo, a qual a comunidade é devota e que nomeia o quilombo, a festa já é bastante conhecida na cidade de Manaus há

alguns anos, e de acordo com a Jamily Souza, é realização tradicional matriarcal, realizada por liderança feminina, Jamily é prima de Keilah Fonseca, e Tia Lurdinha foi irmã de sua avó. Além da festa, Jamily é responsável também pelo Pagode do Quilombo e a famosa feijoada que é distribuída no festejo.

O festejo iniciou com suas antecessoras e ao longo do tempo foi popularizada pela conhecida “Tia Lurdinha” pessoa de máxima importância no legado do Quilombo de São Benedito, figura matriarcal imponente enquanto mulher negra na comunidade, ficou conhecida por sua culinária e fez história como uma das primeiras baianas da escola de samba de Manaus, Vitória Régia.

Desde de 2010 a festa é organizada pela família, eu não tive como recusar, relatou Jamily; faz parte da nossa cultura, é de família, e é organizado socialmente por mulheres, que se organizam [sócio politicamente], as mulheres assumiram postos importantes na comunidade e estão à frente também na luta e resistência das tradições e costumes da comunidade. Assim é a noção de quilombos urbanos, conceito ressignificado por Beatriz Nascimento, o território como espaço de continuidade, herança de gerações, de experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, símbolo de resistência dos negros no Brasil.

A Festa de São Benedito tem duração de uns nove dias, e um dos acontecimentos mais aguardado da festa é a levantada do mastro, no domingo do mastro. Com a tia Simá algumas tradições que antes eram estabelecidas, tiveram que mudar. Quando iam buscar o mastro para a sua levantada na festa, somente homens iam, mas quando a tia Simá assumiu a festa isso mudou, as mulheres passaram a buscar o mastro no terreiro da mãe Felita também, no Recanto dos Orixás, lugar que expressava explicitamente a sua fé como umbandista, ou seja, os homens faziam o trabalho físico, mas a liderança começou e continua com as mulheres.

Todavia, adversidades foram apontadas e observadas; no relato, Rafaela Silva, quilombola, membra fundadora da Associação CQSB (Crioulas Quilombo São Benedito), também pesquisadora, e Jamily Souza, apontaram a falta participação efetiva e incluyente eficaz, nas políticas públicas sociais e culturais na cidade de Manaus, além da não validação das vozes e saberes populares da comunidade, não é suficiente tornar a comunidade um ponto de cultura ⁸apenas, um ponto de referência cultural vai além da redistribuição de pontos, ou recursos para a infraestrutura dos produtores culturais, mas deve haver alinhamento com autonomias dos movimentos sociais e produtores organizados, incentivos, mas deve ocorrer a uti-

8 <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/pontos-de-culturaAsaibacomofuncionam,443d7b008b103410VgnVCM100000b272010aRCRD>

lização eficiente dos recursos integrados com toda a sociedade (escolas, sociedade civil, organizações públicas e privadas, secretaria de cultura entre outros órgãos públicos e privados).

É necessário fornecer participação nos processos seletivos culturais da cidade, para que obtenham além de recursos, infraestrutura, incentivos econômicos e educacionais solidários que aproximem a comunidade do barranco à toda cidade de Manaus, integração com a cidade garantindo que todas as pessoas tenham acesso as pautas produzidas, culturais, educacionais, religiosas e comunitárias.

Como pontua, Adichie, a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Não existe apenas lado negativo, [como a escravidão], porém eles fazem com que uma história se torne a única história. Todas essas histórias me fazem quem eu sou. E insistir só nas histórias negativas é simplificar a vida dos povos e comunidades, e suas experiências, é não olhar para as muitas outras histórias que os formaram, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre todas elas (2009, p.14).

Entretanto, além do necessário reconhecimento da ampliação de ações afirmativas de fato e direito, é importante a participação dos sujeitos nas suas elaborações, nas ações que explicitem o comprometimento das políticas de Estado em prol das comunidades quilombolas, que sejam sujeitos de fala de sua própria história, isso é imprescindível aos movimentos afro brasileiro. Tendo em vista, as identidades comunitárias são objetos resultado de um processo relacionais (um subproduto) derivado de um processo de formalização das relações. Ou seja, não se trata apenas de inclusão de números, mas de efetividade cultural de fato e de direito.

Portanto, não se trata de nos preocuparmos com aperfeiçoamento de uma tipologia, mas de tentarmos descobrir quais são os processos que produzem esse tal agrupamento, o trabalho de Barth é tentar construir a análise com foco em um nível básico de interconexão entre status e comportamento, acredita que é no agir que as pessoas têm categoria, e que é na interação, e não na contemplação, que as afeta significativamente (p. 54-55).

Ademais conforme, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), ⁹a titulação dos territórios quilombolas é um procedimento que assegura os direitos das comunidades afro indígenas remanescentes no Brasil, a qual produz reconhecimento, proteção jurídica às comunidades quilombolas, além de autonomia das comunidades, bem como preservação das tradições culturais.

9 <https://www.gov.br/mda/pt-br/noticias/2024/09/reconhecimento-e-protecao-das-comunidades-quilombolas>

O ministério aponta os passos para se garantir a titulação. Primeiro momento, para a titulação de território quilombola, é necessário; autodefinição da comunidade, qualquer grupo social quilombola possui o direito de se autodefinir. E para iniciar o processo de formalização é imprescindível apresentar a certidão de autorreconhecimento, emitida pela Fundação Cultural Palmares (FCP), o documento é fundamental para o reconhecimento oficial de seus direitos territoriais.

A próxima etapa consiste na elaboração do RTID (Relatório Técnico de Identificação e Delimitação), relatório que deve apresentar informações cartográficas, fundiárias, agrônômicas, socioeconômicas, históricas, etnográficas e antropológicas, dados que devem ser realizados em campo e em colaboração com instituições públicas e privadas, com identificação limites das terras ocupadas pelas comunidades quilombolas (relatório antropológico; levantamento fundiário; planta e memorial descritivo; cadastro de quilombolas; levantamento de sobreposições; pareceres conclusivos (técnicos e jurídicos).

Após essa elaboração do RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação o próximo passo é a sua publicação oficial, com prazo de 90 dias para contestar o documento junto ao INCRA. Posteriormente, a análise das contestações, é a publicação da portaria pelo presidente do INCRA reconhecendo oficialmente os limites do território quilombola, concedendo título coletivo assegurando a visibilidade e a proteção das terras da comunidade que é imprescritível e pró indiviso, à comunidade, sendo este emitido em nome da associação legalmente constituída, ressalta se que a venda e a penhora do território são proibidas, garantindo a proteção e a integridade das terras quilombolas.

Em 16/05/2024, conforme publicado na página gov.br¹⁰, mais oito quilombos receberam portarias de reconhecimento de seus territórios, e documentos foram entregues durante a abertura do 2º Aquilombar, organizado pela Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos – CONAQ em Brasília. Além disso, a ministra da Cultura, Margareth Menezes destacou sobre a necessidade de manter vivas as raízes culturais afro brasileiras por meio de ações e políticas públicas. “O Brasil tem na sua raiz cultural o sangue negro, o sangue indígena e precisamos respeitar e fazer ações de reparação permanentes para legalizar todos os quilombos do Brasil e garantir os direitos do povo brasileiro, do povo quilombola”.

No entanto, o ano termina com a informação mais recente, no mês de zumbi e da consciência negra, feriado nacional que homenageia Zumbi dos Palmares, líder da resistência contra a escravidão e símbolo de luta e liberdade, 29 de novem-

10 <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2024/maio/mais-oito-quilombos-recebem-portarias-de-reconhecimento-de-seus-territorios>

bro de 2024¹¹, o atual Presidente do Brasil, Lula, assinou decreto nº 12.274, de 29 de novembro de 2024, que declara de interesse social, para fins de desapropriação, os imóveis rurais abrangidos pelo território quilombola de Pitanga de Palmares, localizados nos Municípios de Simões Filho e Candeias, Estado da Bahia. Visto que, conforme MDA, o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar em casos em que há imóveis privados localizados dentro do território é necessário decreto presidencial de desapropriação por interesse social, os imóveis desapropriados passarão por uma vistoria e avaliação de preços, com o pagamento prévio em dinheiro respeitando os direitos dos proprietários.

No dia 07 de abril de 2025, em comemoração aos 135 anos, o Quilombo Urbano de São Benedito, espaço de fé, de devoção, tradição e ancestralidade, reduto do samba, conhecido por manter viva a tradição dos sambistas da família, é berço também caprichoso, e a Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso se juntou para festejo na comunidade para saudar São Benedito, pelos 135 de resistência.

Figura: 05 festejo de são benedito 2025



Figura: 06 festejo de são benedito 2025



Fonte: Imagens extraídas rede social Boi Bumbá Caprichoso

11 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d12274.htm

É importante pontuar o trabalho Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso vem (re)construindo neste século no festival folclórico de Parintins-Amazonas, o boi bumbá vem resgatando memórias, mostrando que a cultura amazonense é Afro, Ribeirinha e Indígena, vem tecendo suas temáticas enaltecendo e enegrecendo, resgatando sua historicidade de identidade negra do festival, vem realizando práxis dialética, ação consciente buscando transformação, que respeita acima de tudo, a trajetória daqueles que vieram antes e consolidaram a gênese do que se firmou o festival, cultura popular em luta pautada no antirracismo e contra genocídio dos povos indígenas.

Boi Bumbá Caprichoso 2025, Amyipaguana – Revolução Maracá¹²

[...] Temos direito originário
Filosofia do bem-viver
As curas da terra, do clima, da guerra
Dependem do amor entre nós e você
Terra-mãe, Terra-mãe

Serpenteia no tempo o rio das ideias
Sabedoria dos nossos avós
Se agita, deságua no antropoceno
Trazendo um alerta para todos nós
Filhos da Terra-mãe [...]

Por fim, aliado às políticas públicas de estado, o conceito de Bem Viver se apresenta como uma ferramenta e oportunidade para imaginar outros mundos. Não é um princípio restrito ambiente andino/amazônico, é filosofia universal em construção, partindo da cosmologia e do modo de vida ameríndio, [afro-ameríndio brasileiro] presentes nas mais diversas culturas (2016, p. 14).

Nesse sentido, a alternativa sistêmica proposta do bem viver, proposta que estabelece como cosmovisão mobilizadora construída a partir de concepções cosmológicas indígenas e quilombolas dialoga com as noções de vida plena inclusiva na perspectiva comunitária e solidária, e não individual e liberal, como é a vendida como mercadoria pelo capital, ou seja, um mundo desigual e excludente.

Logo, é preciso exigir uma construção coletiva de forma sistemática de organização comunitária quilombola, buscar um olhar para o “desenvolvimento”

¹² Boi Bumbá Caprichoso 2025, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hgc3sJC2I&list=RD-hgc3sJC2I&start_radio=1 acesso em 07 de agosto de 2025.

necessário desafio da construção de um estado plurinacional de fato e direito, que valoriza a diversidade cultural, a interculturalidade e o pluralismo jurídico e político, pois a diversidade includente não se justifica e nem tolera que suas vozes sejam apropriadas, tampouco a exploração dos seres humanos em nome da inclusão, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e sacrifícios das comunidades.

Exigir uma política de estado, que seja inserida em uma estratégia de transformação social impulsionadora, que faça repensar seus modos de agir, instrumentos e que garantam frutos concretos, que abra mais espaços para formação de organizações que questionem e problematizem coletivamente o modelo de sociedade que vivemos, transformando e reconstruindo outra sociedade, pautada em valores plurais e diversos culturalmente.

As histórias importam, muitas histórias importam [o protagonismo de quem fala importa]. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (2009, p.16).

CONSIDERAÇÕES

A colonização do Brasil teve e ainda tem como principal característica a exploração das riquezas naturais sem preocupação em desenvolver e beneficiar trabalhadores e a terra explorada.

Nessa discussão, Smith relaciona à natureza comercial que o saber “transmite” independentemente de qual conhecimento é coletado, extraído e representado, o povo sua cultura, e até o espiritual tornaram-se não somente objeto de sonhos e imaginação, estereótipos, mas se tornaram mercadorias. A comercialização do outro, ela não tem preocupação com as pessoas que originalmente produziram ideias, conhecimentos, e produtos, define profundamente o pensamento neoliberal e a identidade ocidental (2018, p.108).

Smith também cita Hooks, que demonstra como de modo fácil e perigoso, a mercantilização do outro pode ser incorporada às políticas raciais em que comunidades de resistência são substituídas por comunidades de consumo (SMITH apud HOOKS, 2018, p.109). Todavia, a participação das comunidades quilombolas está estritamente ligada a uma democracia saudável, onde o exercício dos direitos civis, cívico e políticos devem ser assegurados e aplicados e sendo assim um desenvolvimento sustentável includente com voz e escuta ativa.

Por fim, é também necessário perpetuar que próprios amazônidas criem suas próprias ideias e conceitos, e possam sugerir sobre o processo de formação do pensamento que construiu e constrói a Amazônia diariamente, para exemplificar quando se fala em Amazônia, ainda estamos diante da produção de um senso comum sustentado pelas noções de meio ambiente, biodiversidade, desenvolvimento sustentável, populações ribeirinhas, povos da floresta, que são as expressões correntes e presentes em praticamente todos os escritos que têm sido produzidos sobre a região (Pinto, 2005). Ou seja, estereótipos que foram criados e continuamente são reproduzidos e que oferecem às mídias, à literatura e ao cinema, a ideia, histórica única de Amazônia.

Os povos quilombolas que tem resistido ativamente buscando criar um comércio livre regional e local como parte do mercado global, e podem ser uma barreira para enfrentar essa comercialização do livre comércio, pois comercializar o outro esta sendo um grande negócio muito lucrativo também neste século, tudo isso com contexto de inclusão, de progresso, mas na verdade trata se de vender a nós mesmos apenas como agenda.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2009.

BARTH, Fredrik. Organização: Tomke Lask. O guri, o iniciador e outras variações antropológicas. Tradução John Cunha Comerford. Rj, 2000.

CULTNE - Beatriz Nascimento - Entrevista exclusiva. Disponível em: (355) CULTNE - Beatriz Nascimento - Entrevista exclusiva - YouTube, acesso em 25/07/2025

DAVIS, Mike. planeta favela - São Paulo: Boi tempo, 2006. planeta favela - São Paulo: Boi tempo, 2006.

FERNANDES, Sabrina. se quiser mudar o mundo; um guia político para quem se importa - São Paulo: Planeta, 2020.

GOV, br. Agência. Entenda como ocorre a titulação para reconhecimento e proteção das comunidades quilombolas. Em 18/09/2024, Disponível em: Reconhecimento e proteção das comunidades quilombolas — Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar

GOV, br. Cidadania. Presidente Lula assina decretos que desapropriam áreas para quilombos, em 29 de novembro. Disponível em; Reconhecimento e proteção das comuni-

dades quilombolas — Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar
MUNANGA, Kabengele. A origem e histórico do quilombo na África. Revista USP. SP (28): 56-63, dezembro/fevereiro 95/96.

MUNANGA, Kabengele. A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças. Crítica e Sociedade: revista de cultura política. v. 4, n.1, Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural, jul. 2014. ISSN: 2237-0579. Kabengele Munanga, 2014.

PLANALTO.GOV.BR, DECRETO Nº 12.274, DE 29 DE NOVEMBRO DE 2024. Declara de interesse social, para fins de desapropriação, os imóveis rurais abrangidos pelo território quilombola de Pitanga de Palmares, localizados nos Municípios de Simões Filho e Candeias, Estado da Bahia. Disponível em: D12274https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d12274.htm. Acesso em: 12/12/2024.

Pré-COP30 termina com menção inédita a afrodescendentes Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/06/pre-cop30-termina-com-mencao-inedita-a-afrodescendentes.shtml>. Acesso em: 23/07/2025.

SEBRAE, Pontos de Cultura: saiba como funcionam, programa do governo cria polos de cultura dentro das comunidades. Em 03/06/2014. Disponível em: Pontos de Cultura: saiba como funcionam – Sebrae.

SMITH, Linda Tuhiwai, 1950 – Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas / Linda Tuhiwai Smith; tradução Roberto G. Barbosa – Curitiba; Ed. UFPR, 2018.

WAINAINA, Binyavanga. “Como escrever sobre África” de Binyavanga Wainaina. Publicado, 12 Set 2014. Tradução de Manuel Ferreira Chaves do artigo “How to Write About Africa”, originalmente publicado na Granta 92, 2005. Disponível em: <https://proximofuturo.gulbenkian.pt/blog/comoescreversobre-africa-de-binyavanga-wainaina> acesso em: 12/12/2024